

# humanitas

Vol. LXIV  
2012

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

muitos outros escritores cristãos; das profecias do abade Joaquim de Flora, entre muitos mais. E não faltam na sua *Aurora* repetidas transcrições de autores portugueses, entre os quais figuram com especial insistência o já referido Bandarra, sapateiro de Trancoso, e o Beato Amadeu, a cuja *Apocalypsis Nova* – obra de género afim e igualmente inédita e há mais de quinhentos anos, mas agora prestes a ser também publicada, em edição bilingue latino-portuguesa – D. João de Castro se refere algumas dezenas de vezes e lhe dedica por inteiro os capítulos 38, 39 e 40 da sua *Aurora da Quinta Monarquia*.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

DIOGO DE PAIVA DE ANDRADE, *Antologia*. Organização e Tradução de António Guimarães Pinto, Lisboa, Esfera do Caos, 2011, 658 pp. ISBN 978-989-680-042-0

António Guimarães Pinto habituou-nos já a um nível regular de tradução de textos de qualidade, importantes para o estudo da cultura portuguesa do séc. XVI, textos injustamente esquecidos, ora pelo crescente desconhecimento da língua latina entre nós, ora pelo preconceito ideológico de que poderão ser vítimas

Desta vez, é mérito da Esfera do Caos, na série Novilatina, a edição de uma antologia de textos do grande humanista português, Diogo de Paiva de Andrade, teólogo formado na Universidade de Coimbra, que participou na última fase do Concílio de Trento, onde impressionou e alcançou prestígio. Projectado no cenário europeu, manteve o debate teológico e doutrinal com figuras do pensamento reformista da Europa e conheceu e relacionou-se com figuras de relevo do mundo católico de então.

Como o autor e tradutor desta antologia afirma na Introdução, este trabalho, que o leitor pressente feito com paixão e gosto, pretende conceder justo lugar de relevo a uma figura injustamente esquecida, que no seu tempo prestigiou o seu país no contexto europeu. Para o fazer, Guimarães Pinto concede a primazia da voz aos textos que selecciona, traduz e edita, deixando ao leitor o juízo crítico e a ponderação.

Uma introdução de 25 páginas prepara a leitura com um detalhado e bem documentado percurso biográfico do humanista onde se revelam de particular interesse os dados que no-lo apresentam na sua relação com as

figuras de outros humanistas do panorama português e europeu, no contexto do debate teológico contemporâneo. A apresentação das obras de Diogo de Paiva de Andrade na Introdução, para além de completar as informações do percurso biográfico, vem também facilitar ao leitor a compreensão da selecção antológica que posteriormente o autor explica e justifica. É ainda de assinalar que a apresentação das obras contextualiza as suas produção, edição e, por vezes, recepção literária.

Antes ainda da Antologia propriamente dita, um apêndice documental ilustra o contexto de controvérsia religiosa e o envolvimento de Diogo de Paiva de Andrade nas polémicas teológicas tridentinas. Este apêndice é constituído pelo texto latino e tradução de duas cartas de Diogo de Paiva de Andrade, dirigidas, uma ao Cardeal Hósio, outra a Bento Arias Montano e de igual modo texto latino e tradução das dedicatórias do *Examen Concilii Tridentini* de Martin Kemnicus, seu adversário, que nesta obra refuta os decretos de Trento e a doutrina ‘papista’, como lhe chama, referindo-se várias vezes ao teólogo tridentino e às questões em que se confrontaram.

A antologia reúne as traduções de uma *oratio* pronunciada diante dos Padres Conciliares de Trento, um prefácio ao *Stimulus Pastorum* de Frei Bartolomeu dos Mártires, os *Dez livros de Exposições ortodoxas* em que refuta as questões erguidas pelos ‘hereges’, sobretudo Martin Kemnicus, a *Defesa da Católica e integérrima fé tridentina*, composta em cinco livros e destinada igualmente a refutar várias teses heréticas, sobretudo as do mesmo Martin Kemnicus e, finalmente, os Sermões, em português, coligidos por Frei Manuel da Conceição, seu sobrinho, e Paráfrases de Salmos.

Apenas lamentamos neste trabalho o carácter minimalista do índice, que beneficiaria o leitor se indicasse os títulos e página correspondente de cada um dos vários sermões dos três volumes coligidos pelo sobrinho do pregador e aqui publicados, ou se apresentasse uma entrada e o número de página das paráfrases de salmos que se lhes seguem nesta edição. O mesmo se aplica às obras mais extensas, aos *Dez livros de Exposições Ortodoxas* que ocupam cerca de 200 páginas, e à *Defesa da Católica e integérrima fé tridentina*, que se estende em cinco livros por cerca de 100 páginas. Embora lhes dê início um índice de matérias tratadas em cada livro, não há nele qualquer informação de número de página. Um índice mais detalhado é fundamental para a consulta de uma obra tão rica que se oferece a várias perspectivas de leitura e na qual poderiam convergir vários interesses disciplinares dos investigadores dos nossos dias.

Pese embora o défice informativo do título, nada se retira ao valioso conteúdo da obra, assim eventualmente menos aproveitado pelo leitor. A antologia de textos de Diogo de Paiva de Andrade, da responsabilidade de António Guimarães Pinto, revela o sólido conhecimento da época e das matérias tratadas, a erudição crítica e o mérito científico da tradução a que já nos vem habituando o autor.

CARLOTA MIRANDA URBANO

DURÁN LÓPEZ, M<sup>a</sup>. Ángeles: *Los Dioses en Crisis. Actitud de los Sofistas ante la Tendencia Religiosa del Hombre* (Madrid, Ediciones Clásicas, 2011) 440 p. ISBN 97884-7882-732-3.

A essência deste livro, cujo título remete para os problemáticos tempos em que vivemos – não necessariamente no domínio do religioso mas ao nível do político, do social e sobretudo do económico – centra-se no secular debate entre *mythos* e *logos*. Como nota o seu prefaciador, A. Melero Bellido, que enriquece a edição com um excelente estudo introdutório, trata-se de um livro de tese, bem documentado, tanto no que diz respeito às fontes que utiliza como no suporte bibliográfico crítico em que se sustenta.

De certo modo, o tema remonta aos séculos VI a.C., com Xenófanes, e V a. C., com Hecateu, autores gregos em quem a oposição clássica entre «mito» e «razão» se esboçava já com profunda pertinência. Mas é de facto no século V a. C., com a Sofística, que o debate ganha particular intensidade e relevo, como a A. bem demonstra. O estudo da religião grega ou, como assinala – e bem – Melero Bellido, das «manifestações religiosas gregas» (p. 9) é aqui feito de forma exaustiva, partindo da ideia de que o homem grego, ao contrário do homem moderno, não procurava na religião uma imagem do universo na qual a sua própria vida ganhasse significado e a sua conduta um fundamento ético. O homem grego vivia e valorizava acima de tudo o ritual, que tendia a invadir todos os quadrantes da sua existência. Tratava-se, por conseguinte, de uma outra forma de viver o religioso. E é esta a ideia que deve presidir ao estudo das «religiões gregas».

A verdade é que nos é praticamente impossível ter uma percepção clara da «religião segundo os Sofistas», dado o estado do material que deles nos chegou: maioritariamente fragmentado. Como tal, os testemunhos disponíveis apenas nos permitem ter acesso a uma visão mutilada da mesma. Ainda